



# CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XIII Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2013).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

## AS NEVES DE KILIMANJARO

Título original: Les Neiges du Kilimandjaro

Realização: Robert Guédiguian

Género: Drama

Classificação: M/12

Outros dados: FRA, 2011, Cores, 107 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | [ao-norte@nortenet.pt](mailto:ao-norte@nortenet.pt) | [www.ao-norte.com](http://www.ao-norte.com)

## Resumo

Michel, delegado sindical numa empresa do porto de Marselha, é levado a reformar-se após ter sido despedido. Deixa o emprego com um certo desalento e parece reencontrar algum entusiasmo num projeto de viagem ao Kilimanjaro com a esposa, Marie-Claire. Amigos e familiares juntam a quantia suficiente para oferecer a tal viagem ao casal. Tudo parece encaminhar-se bem quando Michel, Marie-Claire, Denise, a irmã desta, e Raoul, marido de Denise e amigo de infância de Michel, são agredidos por desconhecidos para lhe roubarem o dinheiro em questão. Serão os assaltantes realmente desconhecidos? Michel participa na investigação e descobre a outra face da crise económica. O assalto leva-o a refletir na sua própria postura no mundo assim como no seu percurso de dirigente sindical.

## Crítica

A sequência inicial instala o espetador num ambiente familiar, o da crise, através do despedimento de 20 trabalhadores no porto de Marselha. Michel, o delegado sindical, à semelhança de outras personagens dos filmes de Guédiguian, evidencia um sentido ético marcado: põs o nome entre os dos colegas que foram sorteados. Podia este início quase relembrar um filme dos irmãos Dardenne (ruídos em *off* durante o genérico que instalam o contexto, a premência da questão social), mas a estética fílmica é bastante diferente. Pois, se os realizadores do *Miúdo da bicicleta* (ver *Cinetextos* no site de Ao Norte) privilegiam a câmara ao ombro, a observação atenta do corpo das personagens, Guédiguian, pelo recurso à câmara fixa, mantém um certo distanciamento, escolhendo a estética do cinema da ilusão (o que vem reforçar o recurso à música ilustrativa *off*, procedimento muito raro na cinematografia dos Dardenne). Guédiguian, que se inspirou para o guião num poema de Victor Hugo, *Les Pauvres Gens*, tinha claramente como projeto não só dar à voz aos sem-vozes, aos “pobres diabos” do texto de Hugo, como igualmente apontar para as contradições que atravessam a classe operária nos países ocidentais. Veja-se a sequência em que Michel está a arrumar o cacifo recitando Jean Jaurès (03:00- 04:16): retira uma fotografia famosa do dirigente socialista francês assim como a capa de uma das aventuras do Homem-Aranha. Se, por um lado, preza Jaurès como referência, parece não perceber que uma certa literatura popular norte-americana foi um dos meios utilizados para difundir um modelo económico-social em tudo oposto àquele por que o próprio Jaurès lutou.

Também poder-se-ia interpretar a presença recorrente da banda desenhada no filme como uma maneira de aludir à atitude de Michel na vida: não é nenhum super-herói mas intenta ser algo do herói do quotidiano. É o que aliás dirá Marie-Claire ao saber que o marido tinha colocado o próprio nome entre os dos trabalhadores: «As vezes é cansativo viver com um herói» (07:05). Por outro lado, Marie-Claire é a personagem clarividente, a que percebe, por exemplo, ao que o marido se sente reduzido com a perda do trabalho e das responsabilidades sindicais: perdeu um estatuto e sabe que não é «nem Jaurès, nem o Homem-Aranha» (15:51).

Na primeira parte do filme, Guédiguian consegue deixar aflorar algumas questões sem as abordar frontalmente, sem adotar um tom didático. Consegue apontar para a rutura entre as gerações pela simples representação dos lugares de vida: se Michel e Marie-Claire ainda moram na cidade, já o filho e a sua família escolheram um condomínio fechado que geograficamente se sobrepõe a ela. Porém, a arte de Guédiguian na primeira parte do filme não se limita a estas subtis alusões, mas reside igualmente no retrato de uma geração de trabalhadores, talvez a primeira, que graças à luta conseguiu garantir uma qualidade de vida nunca alcançada antes. Nesta primeira parte, porém, Guédiguian leva igualmente o espetador a entrar em empatia com Michel, Marie-Claire, Denise e Raoul, através de alusões a um mundo socioeconómico em vias de extinção (veja-se o estado decrépito da sede do sindicato ou a atividade industrial reduzida que já não serve a não ser como pano de fundo). Ou seja, num ambiente solar (destaca-se a importância da luz na primeira parte), algo de mais sombrio já se anuncia (num segundo visionamento, o olhar de Christophe, futuro agressor dos dois casais, durante a festa de Michel e Marie-Claire, ganha outro significado).

A primeira parte acaba com o momento do assalto violento (28:54), tanto mais surpreendente por a sequência do jogo de cartas entre os dois casais parecer prolongar o ambiente de paz e sossego que o antecede. A violência constitui, aliás, uma dupla surpresa, para as personagens assim como o espetador, Guédiguian conseguindo deste modo orientar o filme num direção inesperada.

Na segunda parte, a questão que se coloca e que atravessa o resto do filme como a sociedade de referência é a seguinte: os trabalhadores lutaram para adquirirem direitos assim como um certo nível de vida, mas os mesmos direitos, e o nível de vida aferente, são agora negados a uma fração crescente dos jovens (trabalhadores ou não). Ora, o modelo proposto sendo o mesmo e com os meios para atingir tais fins reduzidos, a personagem de Christophe escolheu uma das poucas vias que se lhe apresentava. Christophe simboliza aqui os que vêm

na criminalidade um meio como os outros. Veja-se, por exemplo, a conversa entre os dois assaltantes: um deles utiliza o vocabulário da economia para justificar a quantia ganha no assalto («1500 € para uma hora de trabalho, sem impostos» dirá ele. 36:24) O mais importante aqui não é a identidade de quem levou a cabo o assalto, mas as razões que os levaram a inverter para esta via. Não será por acaso que a identidade do jovem Christophe é revelada de imediato ao recetor (31:45). A sequência que se segue à do assalto mostra Christophe no seu ambiente de família. Vive com os dois irmãos, Jules e Martin, num bairro pobre, pai ausente, mãe pouco presente, e parece estar a cuidar bem deles. Percebe-se de imediato que há algo de mais profundo por trás da agressão (o que nos é revelado mais à frente: Christophe precisava urgentemente de dinheiro para pagar a renda da casa).

O assalto assim como a identidade do assaltante levam Michel a encetar uma reflexão sobre o seu percurso. Agora o cenário adquire outro significado: esta casa a dominar o mar, esta luz, este nível de vida fizeram passar Michel e Marie-Claire do estatuto de trabalhador ao de pequeno-burguês, alvo de inveja por parte dos que não possuem nada. É esta a contradição que Guédiguian encena a partir de aqui (veja-se a sequência da conversa no terraço entre Michel e Marie-Claire: 47:23 – 50:00). Esta contradição torna-se evidente durante o primeiro confronto entre Michel e Christophe na esquadra. Desapareceu a luz de Marselha que iluminava o filme até aqui, é num reduto escuro, desarrumado, que o segundo confronta o primeiro com as suas contradições (52:04-54:20). Mesmo quando a luz aparece, já não é sinónima de felicidade. A partir de aqui, as relações, os equilíbrios são postos em causa. Michel e Raoul, por exemplo, não gerem o período pós-agressão da mesma maneira: se o primeiro põe em causa o tipo de vida que leva, se tenta, assim como a esposa, entender o que levou Christophe a agredi-los, o segundo só pensa na vingança. Por outras palavras, a agressão serve no filme como uma espécie de revelador da crise que incubava nas personagens. Constitui igualmente um momento de balanço para um Michel e uma Marie-Claire, que agora se encontram a distribuir publicidades para viver.

Marie-Claire intromete-se na vida de Martin e Jules, tenta tratar deles, já que a mãe se recusa a fazê-lo. Nesta terceira parte, a da reconstrução após o trauma, o filme inverte para os bons sentimentos. O ritmo narrativo acelera e penaliza parcialmente o propósito do filme, pois é dificilmente plausível a evolução tão rápida das personagens como da situação, o que leva o realizador a certas escolhas problemáticas. Veja-se a sequência à beira-mar entre Michel e Marie-Claire: o primeiro propõe acolher os irmãos de Christophe, cita Jean Jaurès de uma

maneira artificial (o próprio ator, Jean-Pierre Darroussin parece neste momento pouco à vontade), a música *off* sugerindo algo melodramático.

No entanto, talvez uma sequência anterior, a do encontro entre Michel e Christophe no Palácio de Justiça, aponte melhor para a mensagem que Guédiguian tencionava transmitir (01:28:36- 01:31:14). Filmado classicamente em campo contra campo, figura clássica da troca de argumentos entre duas personagens, a sequência pretende colocar Michel perante uma das contradições de parte da classe trabalhadora: vive sem grande consciência dos problemas do mundo (vejam o simbolismo da viagem ao Quênia). Do outro lado da barreira, Christophe remete os seus comentários para a nova escola que é a dele: a prisão. Que esta jovem geração de trabalhadores precários aprenda a luta na prisão, e não no sindicato, ajuda o recetor a perceber que a crise atual é muito mais do que uma crise económica.

## PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO DO FILME

### 1. Reflexão Individual

Preenchimento do guião de observação que segue em anexo

### 2. Reflexão em pequeno grupo

Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:

- Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar;
- Identificar, no filme, problemas com que se debate a sociedade atual;
- Selecionar três momentos do filme que considere particularmente relevantes, justificando as opções tomadas;
- Tomar uma posição crítica relativamente às soluções encontradas por Michel face aos problemas com que se vai deparando, ao longo do filme.

### 3. Reflexão em grande grupo

Apresentação das conclusões à turma para debate.

Registar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover.

*Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições*

## ALGUMAS QUESTÕES QUE PODERÃO SER FOCADAS DURANTE O DEBATE

- Relações sociais de produção em contexto de crise:
  - precariedade
  - desvalorização dos salários
  - perda de direitos e de regalias sociais
  - desemprego ...
- Conflitos sociais/ Tensões sociais /criminalidade
- Relações familiares e de amizade em contexto de crise

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com



# Guião de Visionamento

---

## **Ficha Técnica**

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

## **A preencher após o visionamento do filme**

**Situa a acção no tempo e no espaço.**

---

---

---

**Indica as personagens mais importantes.**

---

---

---

---

**Refere a temática abordada.**

---

---

---

**Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).**

---

---

---

---

---

---

---

---

